

## 1

Há muito tempo, em 1945, todas as boas pessoas de Inglaterra eram pobres, salvo certas exceções. Prédios em mau estado, ou sem estado possível, ladeavam as ruas, alvos de bombardeamento cheios de destroços de gravilha, casas como dentes gigantes cujas cáries haviam sido perfuradas, exibindo as cavidades. Alguns prédios bombardeados pareciam ruínas de velhos castelos até que, vistos mais de perto, sobressaíam os papéis de parede de várias salas bastante normais, andares sobre andares, expostos, como num palco com menos uma parede; às vezes uma corrente de autoclismo suspendia-se sobre o nada do tecto de um quarto ou quinto andar; a maioria das escadas sobrevivia, como uma nova forma de arte, dando para um destino não especificado cada vez mais alto, que exigia esforços extraordinários à imaginação. Todas as boas pessoas eram pobres; ou, pelo menos, era um axioma genérico, sendo que os melhores de entre os ricos seriam pobres de espírito.

Não havia qualquer razão para alguém ficar deprimido com o cenário, seria como ficar deprimido com o Grand Canyon ou qualquer outro fenómeno terrestre sobre o qual não havia nada a fazer. As pessoas continuavam a trocar garantias de sentimen-

tos depressivos sobre o tempo ou as notícias, ou o Albert Memorial que não tinha sido atingido, nem sequer beliscado, por bomba nenhuma desde o princípio até ao fim.

O Clube May of Teck ficava em frente, de banda, ao monumento do Memorial, numa das filas de casas altas que haviam resistido, mas à risca; tinham caído umas bombas por perto e sobre vários dos jardins das traseiras, deixando os edifícios com rachas por fora e estruturas periclitantes por dentro, mas habitáveis por enquanto. As janelas estilhaçadas tinham sido substituídas por vidros novos que batiam nos caixilhos rombos. Mais recentemente, tinham decapado a tinta de alcatrão das janelas do *hall* de entrada e da casa de banho. As janelas eram importantes naquele ano de balanço final. Diziam ao primeiro olhar se uma casa estava ou não habitada, e acumulavam muito significado por terem sido a principal zona de risco entre a vida doméstica e a guerra que decorria lá fora. Não havia ninguém que não tivesse dito, quando soavam as sirenes, «Cuidado com as janelas. Afastem-se das janelas. Cuidado com os vidros».

As janelas do Clube May of Teck tinham sido estilhaçadas três vezes desde 1940, mas o edifício nunca fora directamente atingido. As janelas dos quartos de cima davam para os montes e vales das copas das árvores dos Kensington Gardens do outro lado da rua, avistando-se o Albert Memorial com uma ligeira rotação e entorse do pescoço. Esses quartos de cima eram sobranceiros ao passeio oposto do lado de parque da rua, e às pessoas minúsculas que se deslocavam claramente recortadas, a sós ou em casal, empurrando carrinhos cheios de bebês com cabeças de alfinete e mantimentos, ou carregando pontos pequeninos de sacos de compras. Toda a gente levava um saco de compras para o caso de terem a sorte de passarem por uma loja com um súbito fornecimento de qualquer coisa para além do racionamento.

Das camaratas do piso de baixo as pessoas na rua pareciam maiores, e viam-se os trilhos do parque. Todas as boas pessoas eram pobres, e poucas eram melhores, tanto quanto se pode ser boa pessoa, do que aquelas raparigas de Kensington que espreitavam das janelas de manhã cedo para ver como estava o dia, ou que espreitavam delas nos verdes ocassos estivais, como se reflectissem sobre os meses que viriam, sobre o amor e as relações do amor. Os seus olhos espelhavam uma centelha viva que se diria de génio, ainda que fosse apenas juventude. O primeiro dos Artigos da Constituição, redigida numa remota e inocente era eduardiana ainda se lhes podia aplicar:

O Clube May of Teck existe para Conveniência Pecuniária e Protecção Social das Senhoras de Escassos Recursos com menos de Trinta Anos de idade, que se vejam obrigadas a residir longe das suas Famílias no intuito de prosseguirem uma Ocupação em Londres.

Conforme elas próprias estariam cientes em graus variáveis, poucas pessoas vivas da altura eram mais encantadoras, mais inventivas, mais comovedoras e, como às vezes acontece, mais selvagens do que as raparigas de escassos recursos.

\*

— Tenho uma coisa para te contar — disse Jane Wright, articulista de opinião.

Do outro lado da linha, a voz de Dorothy Markham, dona de uma bem sucedida agência de modelos, respondeu:

— Querida, por onde tens andado? — falava sempre, por hábito desde os seus dias de debutante, com o tom do mais extremo entusiasmo.

— Tenho uma coisa para te contar. Lembras-te do Nicholas Farringdon? Lembras-te que ele costumava vir ao velho May of Teck logo depois da guerra, que era um anarquista e uma espécie de poeta. Um homem alto com...

— Aquele que subiu ao telhado para se deitar com a Selina?

— Sim, o Nicholas Farringdon.

— Oh, bastante bem. Apareceu por aí?

— Não, foi martirizado.

— O... o... quê?

— Foi martirizado no Haiti. Morto. Lembras-te que ele se fez frade...

— Mas eu ainda há pouco tempo fui ao Taiti, é maravilhoso, toda a gente lá é maravilhosa. Onde é que tu ouviste isso?

— No Haiti. Acaba de chegar uma notícia da Reuters. Tenho a certeza de que é o mesmo Nicholas Farringdon, porque diz missionário, antes poeta. Quase que ia morrendo. Conheci-o bem, sabes, nos outros tempos. Julgo que vão branquear essa parte se querem fazer uma história dum mártir.

— Como é que foi, é escabroso?

— Oh, não sei, é só um parágrafo.

— Vais ter de descobrir mais pelas tuas fontes. Estou destrocada. Tenho imensas coisas para te contar.

\*

A Gerência gostaria de manifestar a sua surpresa face ao protesto das Residentes relativamente ao papel de parede escolhido para a sala de estar. A Gerência gostaria de lembrar que as quotas das Residentes não cobrem as despesas correntes do Clube. A Gerência lamenta que o espírito fundador do May of Teck se tenha, ao que tudo indica, degradado ao ponto de permitir este

protesto. A Gerência remete as Residentes para os termos da Fundação do Clube.

Joanna Childe era filha de um vigário de província. Tinha uma grande inteligência e emoções fortes e obscuras. Estava a estudar para ser professora de dicção e voz e, embora ainda frequentasse uma escola de teatro, já tinha alunos a seu cargo. Joanna Childe fora atraída por esta profissão devido à sua bela voz e a um gosto pela poesia, de que gostava mais ou menos como os gatos gostam de pássaros; a poesia, especialmente a que se prestava à declamação, excitava-a e possuía-a; pulava de redor dela, brincava com ela com tremores do espírito e, quando já a sabia de cor, soltava-a cá para fora com uma luxúria voraz. E especialmente alimentava esse hábito dando aulas de dicção no clube onde por isso granjeara grande reputação. As vibrações da voz de Joanna, a declamar no seu quarto ou na sala de convívio onde muitas vezes ensaiava, davam, segundo o consenso geral, tom e estilo à instituição quando apareciam os namorados. O seu gosto poético tornou-se o gosto aceite no Clube. Tinha uma profunda apetência por certos passos da versão autorizada da Bíblia, além do Livro das Orações Comuns, Shakespeare e Gerard Manley Hopkins, e descobrira recentemente Dylan Thomas. Não a comoviam a poesia de Eliot e Auden, a não ser os seguintes versos deste último:

Pousa, meu amor, a tua cabeça adormecida  
Humana, sobre o meu braço infiel...

Joanna Childe era grande, com um cabelo claro e brilhante, olhos azuis e faces bastante rosadas. Quando leu a nota assinada por Lady Julia Markham, presidente da Gerência, juntou-se